

# A MORTE E A FAMÍLIA IMPERIAL: *breves considerações das atitudes perante a morte na Consolatio ad Liviam (século I A.C.)*

THIAGO SILVÉRIO MARTINS

Mestrando em História (PPGH/UFG)

Bolsista CAPES

thiagossilverio@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Munhoz de Omena (UFG)

## RESUMO

O modo como lidamos com a finitude humana diz muito a respeito das sociedades. Além da morte física, a morte social e seus aspectos culturais transformam-se num campo rico de investigação histórica, antropológica e também arqueológica. O estudo do campo mortuário tem se revelado como uma oportunidade para o entendimento de como os vivos manipulam os remanescentes físicos, atuam e percebem os rituais mortuários e selecionam as memórias do morto. Dessa forma, propomos apresentar, nesse artigo, uma breve análise das formas em que o contexto social da morte no ambiente imperial *augustano* evoca símbolos de poder; produz e promove a memória familiar e estabelece ligação com os aspectos filosóficos, religiosos, políticos e emotivos. Para investigar essas questões utilizaremos o texto da *Consolatio ad Liviam* (séc. I a.C.), do *Pseudo-Ovídio*. O texto consolatório articula a *domus* de Augusto e projeta Lívia em face às questões que tangem a finitude humana, como a questão sucessorial. Permite, também, uma análise das formas didáticas encontradas no texto, pois evidencia as práticas religiosas e uma retórica que transmite os *exempla*.

## PALAVRAS-CHAVE

*Império Romano; Morte; Memória; Família; Consolatória.*

## ABSTRACT

The way we deal with the human finitude says a lot about societies. Beyond physical death, the social death and her cultural aspects becomes a rich field of historical, anthropological and also archaeological investigation. The study of the mortuary field has revealed itself as an opportunity for the understanding of how living people ma-

nipulate the physical remnants, the mortuary rituals and the dead's memory. Thus, we propose to present, in this paper, a brief analysis of the way in which the social context of death in the imperial augustan environment evokes power symbols; produces and promotes the family memory and establish connections with philosophical, religious, political and emotional aspects. To exemplify those questions we will use the text of *Consolatio ad Liuiam* (1st century B.C.), wrote by *Pseudo-Ovídio*. The consolatory text articulates Augustus' *domus* and projects Livia in the face of issues that touch the human finitude, like the successional issue. It also allows us to understand the didactic forms found in the text, because highlights religious practices and a rhetoric that conveys the *exempla*.

## KEYWORDS

*Roman Empire; Dead; Memory; Family; Consolations.*

Fato universal: todos morrem. A consciência da finitude humana é marca da humanidade e os diversos grupos humanos diferem na forma em que lidam com a morte e o morrer. Os processos ritualísticos que incluem a organização do cortejo, as práticas religiosas, a dinamicidade das cerimônias fúnebres e as atitudes emotivas frente ao luto e ao consolo são culturais e historicamente construídas. Longe de ser apenas fato biológico, o enfrentamento da finitude da materialidade humana nos proporciona ricas análises nos campos sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos. Norbert Elias, em seu livro *A Solidão dos Moribundos* (2001), comenta a respeito do afastamento contemporâneo em relação à temática da morte. Para Elias (2001, p. 3), as atitudes que são evocadas no ambiente mortuário tornam-se instrumentos de sociabilização e são resultantes de contextos específicos.

Na sociedade romana, à época do principado de Augusto, as atitudes perante a morte traduziam-se em um importante veículo de comunicação social, pois os componentes dos rituais funerários (as carruagens, as máscaras dos ancestrais, seus integrantes e símbolos divulgados), a cultura material (os edifícios funerários, epigramas e mosaicos) e a documentação escrita (*Consolatio ad Liuiam*, *Ad Marciam Consolatione*; *Ad Heluiam de Consolatione*) ressaltavam as atividades mortuárias, o manuseio das memórias e das identidades, bem como evidenciavam o respeito aos Manes. As procissões fúnebres, realizadas pela família do morto, reafirmavam a posição dos indivíduos na comunidade cívica romana e destacavam os papéis públicos dos familiares.

Os rituais mortuários apresentavam à comunidade cívica a relevância do falecido no grupo social envolvido, já que a *urbs* convertia-se num espaço que apresentava e representava os ideais romanos a partir da integração social (OMENA; GOMES, 2014, p. 66). De acordo com Darja Erker (2011, p. 44), o ritual funerário marca a passagem da vida para morte e os membros da família (incluindo escravizados), seus clientes e amigos assistiam à exibição do corpo e expressavam sua dor; evocavam

identidades romanas e rememoravam o morto na estrutura de poder<sup>1</sup>. Valerie Hope (2003, p. 116) desenvolve o conceito de *lembrança ritual*, já que, segundo a pesquisadora, os atos repetidos e religiosos se vinculavam à lembrança do morto e promoviam seu passado a partir da produção de imagens do falecido e de seus ancestrais.

Na busca pelas atitudes e crenças perante a morte, percebe-se que o homem se distingue mais nitidamente dos outros seres vivos no manuseio da finitude humana (MORIN, 1970, p. 17). À época de Augusto, os mortos estavam presentes em imagens (edifícios e lápides funerárias), bem como na realização dos cortejos. Esses últimos tinham potencial simbólico a partir do conteúdo experimentado em suas execuções (os atos repetidos, o uso das máscaras dos ancestrais, a multidão que acompanhava a procissão), ou pelo discurso (*laudatio funebris*), que eram evidenciados no desfile do funeral. Esses elementos ofereciam oportunidades para exibir a família, seu capital e seu lugar político e social, refletindo, dessa forma, hierarquias e conflitos sociais (FAVRO; JOHANSON, 2010, p. 16; JOHANSON, 2011, p. 408).

Maureen Carroll, em seu trabalho *Memoria and dammatio memoriae. Preserving and erasing identities in Roman funerary commemoration* (2011), nos informa que os textos e imagens divulgados no ambiente mortuário ajudavam a definir a identidade de uma pessoa e a incorporava num contexto social e cultural distinto (CARROLL, 2011, p. 66). Autores da Antiguidade como Tácito, Horácio, Petrônio, Propércio, Plínio, o Jovem, Suetônio, Marcial e Ausônio, bem como alguns vestígios arqueológicos, destacam inscrições funerárias que revelam o interesse de preservar a memória e os feitos dos indivíduos e de suas respectivas famílias<sup>2</sup>. O que se percebe é que as atitudes que permeiam o morrer são dotadas de historicidade. Para os estudos históricos, a morte biológica se converte em morte cultural, pois nos convida a identificar as projeções culturais, emotivas, econômicas, políticas e ritualísticas (PEIXOTO, 2018, p. 233).

Além destas questões, o estudo das práticas mortuárias possibilita análises em que o diálogo entre o ofício historiográfico e arqueológico é ativado; sendo que a arqueologia das práticas mortuárias é o estudo das narrativas textuais e materiais, bem como das práticas e rituais realizados no contexto da morte (RIBEIRO, 2007; DE SOUZA, 2011)<sup>3</sup>. Entende-se por práticas mortuárias a soma dos rituais que as compõem: o tratamento do cadáver, a presença dos ancestrais no *atrium* da residência, o uso

1 Richard Saller (1984, p. 336) nos informa que a palavra inglesa família sofreu uma transformação de significado no período moderno e pode ser relacionada aos aspectos fundamentais do comportamento familiar, como herança, estratégias de casamento e adoção. À época de Augusto, no entanto, a família no sentido de casa ou linhagem era considerada como uma entidade de grande importância aos seus membros.

2 Os monumentos funerários eram projetados para preservar a memória, refletir e se adequar a substância e dignitas de um indivíduo ou família. O tamanho, a forma, o material que era elaborado e o local de edificação foram cuidadosamente escolhidos para transmitir e preservar uma memória específica, além de definir identidades (CARROLL, 2011, p. 68).

3 Para Camila Diogo Souza (2018), o estudo da Arqueologia das Práticas Mortuárias “[...] consiste em um ramo da Arqueologia que estuda os aspectos concretos da performance dos rituais que envolvem a morte enquanto fenômeno do comportamento e das ações humanas que produzem vestígios materiais passíveis de análise” (DE SOUZA, 2018, p. 267).

das tochas e incensos, o cortejo (com a participação de seus integrantes, os lamentos, as músicas, o percurso até à pira funerária), os tipos de sepultamento e depósito dos remanescentes humanos (e.g. ânforas, urnas, sarcófagos), objetos móveis e imóveis da sepultura, o edifício ou monumento tumular (cf. DE SOUZA, 2009; GRAHAM, 2011; HOPE, 2009; LINDSAY, 2000; OMENA, 2018; PEIXOTO, 2018; RAMAZZINA, 2011; SILVA, 2014). Revela-se como um campo plural que aciona a multidisciplinaridade em busca do entendimento das práticas dos vivos em relação aos mortos e ao morrer (DE SOUZA, 2018, p. 268). Ainda de acordo com Camila Diogo Souza, que nos apresenta o estudo de sepultamentos que datam entre os séculos IX e VIII a.C., no sítio de Argos, região da Argólida, a compreensão das práticas mortuárias nos possibilita o diálogo entre as fontes textuais e materiais, pois se caracteriza:

[...] por uma natureza multifacetada, por meio do registro arqueológico que compõe os contextos funerários: o tipo de enterramento, a arquitetura funerária, o processo de reutilização das sepulturas, a disposição topográfica dos lotes de sepulturas (clusters), as características bioantropológicas dos indivíduos enterrados e, finalmente, os objetos depositados com o morto (DE SOUZA, 2011) (DE SOUZA, 2018, p. 282).

Otávio Augusto inaugurou uma política em que se aglutina as funções de imperador, *César*, *princeps* e *Pontifex* e propaga, sobretudo, sua imagem a partir das evidências militares e na multiplicidade de produção, acumulação, circulação e funcionamento de discursos na sociedade. Esses discursos eram evidenciados a partir das imagens divulgadas por Augusto, na tentativa de que seu governo traduzisse um momento de paz, prosperidade e estabilidade. No contexto de criação de obras para honrar seu nome e o nome de sua família, preocupado com a memória e os rituais da morte, já no começo de seu governo inaugurou seu *mausoleum*, no Campo de Marte. A construção do edifício foi realizada entre 29 a.C. até 23 a.C., quando temos o enterro de Marcelo e Otávia. Sua relevância deve-se à ideia de que a família era uma célula importante e o edifício, portanto, evocaria sua memória. Pretendia-se construir imagens relacionáveis à renovação de Roma (RAWSON; WEAVER, 1999 p. 210).

Os primeiros anos da sua política (27 a.C. – 14 d.C.) concentram-se na necessidade em ser notado como um líder militar e político eficaz. O *princeps* estabeleceu o que chamamos de *pax romana*, a consolidação de sua posição a partir do rearranjo político e social do império buscando estabelecer um governo estável. Augusto encontra um ambiente favorável para restauração de políticas e instituições tradicionais, promovendo ações que englobavam a visibilidade de sua própria família e dinastia. A preocupação era perpetuar a imagem da família virtuosa, repleta de *pietas*. Dessa forma, com a construção do *mausoleum*, a celebração dos Jogos Seculares, em 17 a.C., em que eram homenageados mães e filhos pelo papel que os mesmos exerciam em relação à continuidade das *gentes*<sup>4</sup> e à fertilidade, a construção da *Ara Pacis*, en-

4 As *gentes* vinculavam-se à herança, prestígio social e atuavam como marcadores de identidade para definir grupos sociais com diferentes interesses, *status* social e também reivindicação de poder. Segundo C. J. Smith (2006, p. 2) representava aspectos do comportamento aristocráticos que se

tre 12 a.C. e 9 a.C., ou o novo Fórum, entregue em 2 a.C., celebrando as virtudes da família (RAWSON; WEAVER, 1999, p. 215), evidenciam a preocupação de Augusto em garantir a perpetuação da memória das duas *gentes* (*Iulia* e *Claudia*) no poder.

Com base no século I a.C., alguns historiadores romanos (e.g. Tito Lívio), quando escreviam a história desse período, evidenciavam que havia muitos eventos que aconteciam no modo doméstico e não público (BEARD, 2017, p. 363). Logo, os principais componentes da equipe de Augusto formariam uma versão expandida dos esquemas domésticos (MOREAU, 2005, p. 8). A família imperial tornava-se *exemplum* de atitudes com base no diálogo entre o público e doméstico, já que a família viveria de acordo com os valores tradicionais romanos (GLOYN, 2017, p. 9). Entendemos que os valores tradicionais citados se traduziam em atividades que rememoravam e evocavam modelos comportamentais, a fim de reconhecer, construir e divulgar um ideal de identidade política e social.

A função da família em Roma seria de reproduzir, fisicamente e socialmente, indivíduos que estivessem dispostos a manter a *uirtus*. Atuava como exemplo para as novas gerações e era um meio importante de transmissão moral e cultural de valores, (re)distribuição de propriedades e honrarias; além de sua extrema importância na realização dos cultos familiares, dialogando com o conceito de *pietas* (DIXON, 1992, p. 25-30). Evoca-se, portanto, a construção de identidades, já que não são fixas, mas arquitetadas por processos de produções institucionais, performativas, antagônicas e sujeitas a historicização. A residência doméstica do imperador transformava-se em local de construção de memória e auxilia nos dispositivos retóricos para definição de poder.

Em nossa proposta de investigação, a manipulação e negociação dos símbolos fúnebres para os grupos aristocráticos da *aula* imperial de Augusto era comprometida em agregar e aproximar a casa imperial ao ideal cívico a partir do *exemplum* de bom comportamento. Além de criar uma memória estruturada em hierarquias e classificações que definem, diferenciam e reforçam sentimentos sociais e que expressavam identidades e pertencimento social. Em se tratando da sociedade romana, as intencionalidades do coletivo e individual apelam para o arquivo dos *mores maiorum*, demarcam espaços de poder e, ao mesmo tempo, formas simbólicas no imaginário social pela execução das comemorações, ritos, inscrições e em monumentos; sinalizam o que deve ser lembrado (reativado na memória social) ou condenado ao apagamento (ASSMANN, 2008, p. 28).

Manusearemos, para examinar algumas dessas questões, a *Consolatio ad Liviám*, poema de 474 versos, datada da época augustana, de *Pseudo-Ovídio*. Obra destinada à Lívía, propõe-se a reconfortar a matrona imperial frente à morte de seu filho Druso. Ao longo de sua narrativa, o texto consolatório destaca a família imperial e o comportamento de Lívía frente à morte. Neste espaço, a esposa do *princeps* e membro da *domus* de Augusto<sup>5</sup> possuía uma posição pública; por isso, esperava-

---

relacionavam a uma nobreza hereditária.

5 Entende-se *domus* como lugar onde a família tinha uma influência direta na posição e prestígio de um indivíduo; sendo a riqueza e a respeitabilidade social relacionáveis, tornavam-se símbolo de status e honras (SALLER, 1984, p. 349).

-se que mesmo em luto pudesse refletir a *uirtus*, mostrando-se firme mediante ao evento, produzindo modelos de comportamentos e a imagem do ‘novo sucessor’, seu filho Tibério. Sugere-se, portanto, que Lúvia possa se distanciar do mal e que não reclame da “arbitrariedade da Fortuna, mesmo que seja livre para entregar-se ao luto com impunidade” (*Epic Drusi*, vv. 371; 375-376) <sup>6</sup>.

A autoria e datação do texto não são definidas, mas acreditamos que o autor seja contemporâneo de Druso, pois esteve presente no cortejo fúnebre (*Epic Drusi*, vv. 173 – 178) <sup>7</sup>, estabeleceu contato com os principais personagens da *domus* imperial (*Epic Drusi*, vv. 179 – 180) <sup>8</sup> e era vinculado aos interesses de Lúvia, já que identificamos a falta de menção a Caio, Lúcio e Júlia – *gens Iulia* – no texto e reconhecemos que o elogio extremo de Lúvia, Tibério e Druso marcariam um local de privilégio da *gens Claudia*. Segundo H. Baltussen (2013, p. XIV), é capaz de escrever um texto consolatório quem possui as habilidades e a posição de articular as preocupações e tristezas comuns em um momento de crise pessoal, ou comunitária e que tenha certa proximidade da pessoa enlutada. Sendo assim, o *Pseudo-Ovídio* pode ser um autor que compactuava com o grupo de Augusto e resolveu escrever essa obra consolando Lúvia, enaltecendo a família de Augusto e revelando a unidade das duas *gentes* – *Claudia* e *Iulia*. Em relação à datação da Consolatória, acreditamos que foi escrita no século I a.C., no contexto da morte de Druso (9 a.C.), o favorito à sucessão (COGITORE, 1994, p. 1095; FRASCHETTI, 1996, p. 239). É mais plausível pensar que uma obra desse porte, endereçada à Lúvia, tenha sido escrita num momento de luto, pois a consolatória vincula-se à família imperial, bem como à retórica promocional augustana (MARTINS, 2011, p. 35).

Uma *consolatio* é um texto que tinha como principal preocupação construir uma argumentação a fim de superar as dores, as paixões e as angústias que assolam a alma dos indivíduos. A finalidade da escrita seria dedicar a alguém argumentos de consolo que reintegrariam o indivíduo à comunidade cívica e, ao mesmo tempo, convencer o leitor-ouvinte a combater as dores que o afligiam (CELESTINO, 1998, p. 74 – 75; MANNING, 1974, p. 71-81). Entendemos que *Consolatio ad Liviam* dirigia-se aos membros da *domus* imperial, era destinada à Lúvia e também divulgada em recitações aristocráticas <sup>9</sup>, pois descreve conflitos políticos e apresenta a problemática frente à sucessão imperial. Mary Beard (2017, p. 380) nos informa que era um poema composto em homenagem à Lúvia pela morte de seu filho Druso.

É possível perceber na argumentação do texto consolatório imagens sobre a família imperial a partir de um eixo central: o comportamento feminino de Lúvia frente

6 “*Fortuna arbitriis tempus dispensat iniquis; [...] regna deae immitis parce irritare querendo, sollicitare animos parce potentis herae*”.

7 “*funera ducuntur Romana per oppida Drusi, - heu facinus - per quae uictor iturus erat, per quae deletis Raetorum uenerat armis: hei mihi, quam dispar huic fuit illud iter. consul in it fractis maerentem fascibus Urbem: quid faceret uictus, sic ubi uictor in it?*”.

8 “*maesta domus plangore sonat, cui figere laetus, parta sua dominus uouerat arma manu*”.

9 De acordo com Raymond Starr (1987, p. 213) a literatura romana permaneceu reservada à aristocracia, exceto em eventos oratórios e apresentações públicas. Os romanos circularam textos em uma série de círculos consonantes determinados principalmente pela amizade, influenciados também por interesses literários e pelas forças do status social que eram vinculados.

à morte de Druso. Lívia é adjetivada não como uma mãe comum e particular e sim como *Romanae princeps* (*Epic Drusi*, v. 356)<sup>10</sup>, o equivalente ao termo empregado para Augusto, *Romanus princeps* (BEARD, 2017, p. 380); destaca-se, portanto, sua influência mais política do que doméstica. No contexto mortuário, o posicionamento hierárquico foi regularmente empregado para indicar o status dos indivíduos representados. Dessa forma, o autor demarca a casa de Lívia como casa Imperial e que, mesmo sendo a casa do *princeps*, não estaria livre dos infortúnios humanos (*Epic Drusi*, vv. 59 – 60)<sup>11</sup>.

Ao atingir a casa imperial, a morte, fator biológico, mobiliza as estruturas mediadoras da linguagem pela narrativa consolatória que descreve os comportamentos esperados no ambiente social da *domus* augustana. Além de identificar Lívia como uma mãe responsável por dois nascimentos frutíferos – Tibério e Druso (*Epic Drusi*, vv. 81 - 82)<sup>12</sup> –, posicionando-a como protagonista de sua *domus*. O texto consolatório informa que Lívia mantinha uma mente correta e geralmente evitava vícios (*Epic Drusi*, vv. 45 – 46)<sup>13</sup>. Percebe-se que o contexto social da morte, que atinge o ambiente imperial, indica condutas comportamentais em que os espaços de poder, produção e promoção da memória familiar eram acionados na execução dos rituais coletivos.

Os rituais realizados pela cidade dialogavam com a paisagem urbana, pois os cenários compostos por termas públicas, fóruns, templos, aquedutos, basílicas, anfiteatros e necrópoles serviam para definir uma parcela da população em que a elite local marcava sua posição frente aos demais (WALLACE-HADRILL, 2010, p. 12). O aparato cerimonial dos rituais fúnebres legitimava o morto, seus ancestrais e evidenciava um ambiente competitivo entre as famílias (HALES, 2009, p. 55). É possível identificarmos a relevância do cortejo fúnebre de Druso nos versos 181 e 182, pois, de acordo com o texto consolatório, os habitantes da cidade se comoveram e angustiados, em lamentos, adquiriram um aspecto uniforme pela perda de Druso (*Epic Drusi*, vv. 181 -182)<sup>14</sup>.

O luto, simbolizado no ritual, convertia-se em obrigação pela família do morto, já que homens e mulheres mudavam seu comportamento no cotidiano e passavam a usar vestimentas pretas, jejuar, não lavar os cabelos e negligenciar os cuidados com o corpo (ERKER, 2011, 69). Ainda de acordo com Luciane Omena e Erick Gomes:

[...] as obrigações sociais do luto – lamentação, canto e dor (OMENA; CARVALHO, 2014; Apuleio, *Metamorphoseon*, VIII, 7; Ovídio, *Tristium*; Sêneca, *Epistulae Morales*; Suetônio, Nero), o cuidado com o corpo, a procissão de máscaras da família, o lamento feminino, o cumprimento dos pedidos finais (*mandata*), a realização de banquetes e combates gladiatoriais transformavam-se em práticas discursivas (OMENA; GOMES, 2014, p. 67).

10 *“quam si Romanae principis edis opus?”*.

11 *“Caesaris adde domum, quae certe, funeris expers, debuit humanis altior esse malis”*.

12 *“nec genetrice tua fecundior ulla parentum, tot bona per partus quae dedit una duos”*.

13 *“quid, tenuisse animum contra sua saecula rectum, altius et uitii exeruisse caput”*.

14 *“Vrbs gemit et uultum miserabilis induit unum: gentibus aduersis forma sit illa, precor”*.

Em Wallace-Hadrill (2008, p. 47), encontramos o debate acerca da importância da execução dos rituais mortuários, pois eram a partir dos mesmos que ocorria a reintegração do grupo familiar no espaço social. Esses rituais convertiam-se numa valiosa oportunidade para reativação e construção da memória dos ancestrais, da *domus* do morto e dos envolvidos nos processos ritualísticos da morte. Para o funeral de Druso os elogios e honras (*laudatio funebris*) foram pronunciados por Augusto (*Epic Drusi*, vv. 209-210)<sup>15</sup>. Segundo Norbert Elias (2001, p. 3), a prática dos rituais proporciona a socialização, dependem de contextos distintos e servem para garantir perpetuação aos que já foram. Além disso, manifestam o respeito dos vivos em relação aos mortos e aos *Manes*, pois a prática religiosa, para os romanos, converte-se em prática ritualística (DOLANSKY, 2011).

A seleção dos elementos para compor o cortejo e suas performances acentuavam a relevância social e a posição dos indivíduos na estrutura familiar frente à comunidade cívica. Ademais, o texto consolatório apresenta o curso de um funeral oficial, pois Druso é membro da família imperial. Como propõem Omena e Funari (2017, p. 55), Favro e Johanson (2010, p. 16), a prática do cortejo fúnebre tinha potencial simbólico a partir da realização dos seus feitos, tornam-se estratégias retóricas e indicam o jogo de produção da memória e das narratividades, escolha de testemunhos e representações do passado histórico. Configuradas, refiguradas e utilizadas para estruturar vínculos de pertencimentos, transformam-se num exercício de suprimir, deslocar, lembrar e esquecer (RICOEUR, 2007, p. 455).

O autor da Consolatória nos informa que a dor pela morte de Druso comoveu a muitos e que poderia alcançar séculos, atingindo ao nível de luto ilimitado (*Epic Drusi*, vv. 77-78)<sup>16</sup>. Tibério é reconhecido nos versos como Nero, nome que carregava antes da adoção por Augusto e aparece no texto como comandante do exército, embora suas vitórias não sejam mencionadas. Percebe-se que algumas de suas aparições são referenciadas ao irmão (*Epic Drusi*, vv. 383-384)<sup>17</sup> e que recebe destaque por ser o responsável por trazer o corpo de Druso de Germânia para Roma (*Epic Drusi*, vv. 171-172)<sup>18</sup>. Para Lúvia, o autor destaca que em alguns momentos cristaliza suas lágrimas, as endurece e as retém em seu interior (*Epic Drusi*, vv. 113-114)<sup>19</sup>. A ênfase está no esforço em controlar sua dor. Atingida, ela deve superar a prova maior: a morte. Sua posição entre contenção da dor e extravagância se altera. Indicando que as atitudes no contexto mortuário fabricam representações no campo simbólico e direcionam, ou controlam, as emoções do luto e a realização do culto aos mortos.

Nessa perspectiva, o texto da *Consolatio ad Lúviam* apresenta os espaços e atitudes da morte na *aula* imperial, articula a função de Lúvia e revela de quais formas sua atuação era esperada, já que era modelo de comportamento. A experiência social da morte se torna, na prática, uma ação representativa e, como produto social,

15 *“et uoce et lacrimis laudasti, Caesar, alumnum, tristia cum medius rumperet orsa dolor”.*

16 *“iste potest implere dolor uel saecula tota, et magni luctus obtinuisse locum”.*

17 *“quod spes impleverunt maternaque uota Nerones, quod pulsus totiens hostis utroque duce”.*

18 *“abstulit inuitis corpus uenerabile frater, et Drusum patriae quod licuitque dedit”.*

19 *“congelat interdum lacrimas duratque tenetque suspensasque, oculis fortior, intus agit”.*



o afeto e a dor convertem-se em laços pessoais e sociais. Essas questões têm como eixo principal a importância que os romanos conferiam à preservação da memória a partir dos textos e imagens criadas no contexto da morte. Entendemos que a morte de Druso expressa conflitos em torno do poder da *domus* de Augusto, pois é *locus* de memória do Imperador e de sua família (HALES, 2009, p. 53). O texto revela, também, a preocupação com as representações dos membros da *domus* imperial, pois, como vimos, dada sua posição social, a conduta excessiva dos seus membros poderia tornar-se um prejuízo à *Res Publica*. Dessa forma, a Consolatória, além de acolher e elogiar Lúvia, demonstra o esforço da mesma em se apresentar de forma cabível à importância de uma mulher nos mais altos círculos de poder (COGITORE, 1994, p. 1099-1100).

Liz Gloyn (2017, p. 43) realiza um estudo acerca da escrita de Sêneca com foco em suas consolações (*Consolatione ad Helviam, Consolatione ad Marciam e Consolatione ad Polybium*) e compreende que o autor utiliza exemplos íntimos do cotidiano das famílias, no contexto aristocrático, para fornecer orientação e exemplos de comportamentos morais para os romanos no ambiente mortuário. A narrativa senequiana torna-se dispositivo retórico e veículo de comunicação, pois mobiliza princípios estoicos e evidencia expressão de poder (OMENA, 2018, p. 151). Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.), em *Ad Marciam de Consolatione* (III, 2), comenta a respeito do bom comportamento de Lúvia no funeral de Druso. Esposa de Augusto, deveria, mesmo em luto, manter-se apresentável frente à comunidade cívica. Além disso, apresenta a relevância dos funerais da família imperial pela cidade de Roma e também nas províncias, pois, segundo o autor, muitas piras funerárias ardião por toda Itália, comovendo-se, pranteando e comemorando a memória de Druso.

Desta feita, a presença da pompa fúnebre no *funus publicum* de Druso (*Épic Drusi*, v. 27)<sup>20</sup> expressa o poder político da *domus* do imperador, o respeito dos vivos para com os mortos e se relaciona à questão sucessorial. Com a morte de Druso, em 9 a.C. os netos de Augusto, Lúcio e Caio, pertencentes à *gens Iulia*, ainda estavam vivos. Na ocasião da morte de Druso, a *domus* da qual participava evocaria a memória dos ancestrais, das *gentes Iulia* e *Claudia*, no interior da *domus Augusta*, as quais disputavam a sucessão imperial. Para as famílias aristocráticas, a morte e os eventos que aconteciam de forma pública convertiam-se em estratégias de configuração e produção de discursos.

Javier Arce, em seu livro *Funus Imperatorum: los funerales de los imperadores romanos* (1990), dedica-se ao estudo dos funerais imperiais e, antes deles, dos funerais públicos. Segundo o autor, o *funus publicum* seria um verdadeiro ritual de poder, haja vista que havia o manuseio de elementos exteriores e simbólicos que celebravam a condição de *triumphus*, pois as cerimônias que faziam parte do *funus imperatorum* excluía o caráter negativo relacionado à morte para ser concebido como um ato de exaltação, já que todos deveriam contemplar e participar (ARCE, 1990, p. 36). Ao analisar os funerais de Druso (13 a.C. – 23 d.C.) e Germânico (15 a.C. – 19 d.C.), presentes no discurso de Tácito (55 d.C. – 120 d.C.), Luciane Omena e Erick

20 “*funera pro sacris tibi sunt ducenda triumphis*”.

Gomes consideram que a partir da morte “[...] as imagens das procissões funerárias [...] produziram memórias seletivas, à medida em que criaram um passado comum a ser incorporado à memória social” (OMENA; GOMES, 2017, p. 340).

A experiência individual da morte de Druso, que era compartilhada com a sociedade pelo *funus publicum*, possibilita a criação da memória social das duas *gentes*, *Iulia* e *Claudia*. Esse contexto constrói e justifica a ordem social a partir das escolhas dos elementos simbólicos e representativos das práticas sociais (BOURDIEU, 2009, p. 9). A família, mesmo em luto, em função da perda, “continuava a se expressar nas máscaras funerárias, nas estátuas dos mortos, nas inscrições que, de fato, mantinham a continuidade social da família” (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 47). Essas estratégias ajudavam a definir a identidade de uma pessoa e de sua família, garantindo, em algumas ocasiões, a lembrança do morto após atingir a condição de finitude física. A relevância do falecido na comunidade política e a comemoração das honras dos ancestrais destacam as virtudes cívicas e méritos. A importância dos ancestrais no momento de rememoração da família do falecido indica que a transmissão da memória é realizada por gerações e se manifesta a partir da urgência no presente, com a finalidade de evocar referências e/ou continuidades que possam atingir o individual e o coletivo (PRATS, 2009, p. 24).

A partir do texto consolatório, percebemos o destaque às práticas sociais frente à finitude humana, a expressão do luto, o impacto na política e o manuseio das emoções. Não temos referência aos processos pós-morte, mas sim uma reflexão a respeito da vida do falecido, seu envolvimento com sua família e assuntos políticos, a relevância das divindades e das condutas morais. Morrer torna-se, portanto, ação representativa, pois aciona símbolos de riqueza e prestígio social do morto e da família à qual pertencia, traduzidos nos movimentos ligados à morte e aos rituais funerários (WALLACE-HADRILL, 2008, p. 43). A própria materialidade do corpo evoca significados individuais e coletivos, pois passa por alterações perceptíveis, como o processo de putrefação (GRAHAN, 2011, p. 24). Assim sendo, os rituais de lamentação, o cortejo fúnebre, os túmulos e monumentos erigidos aos mortos, bem como os respectivos objetos depositados compõem o conjunto de vestígios materiais para os estudos do campo mortuário (DE SOUZA, 2018, p. 266).

Como sinalizamos, a partir da finitude temos a criação de práticas sociais que se transformam em veículos de comunicação social, traduzidos em instrumentos de poder. As representações produzidas no campo mortuário se traduzem, também, num campo de concorrências e competições. Promovem identidades públicas, lembranças pessoais e evocam afetividades a partir do cerimonial socialmente compartilhado e dramatizado em um cenário público (NOY, 2011, p. 1). Tornam-se instrumentos didáticos comportamentais, pois a prática partilhada auxilia na construção de identidades e revela estratégias de utilização do espaço mortuário para reativar a consciência da coletividade. Ao manusear os acontecimentos e interpretações do passado, operamos e canalizamos memórias para referenciar e integrar sentimentos de pertencimento. A coerência dos grupos é estabelecida por um trabalho permanente de reinterpretação do passado. Essa articulação tem como função manter a coesão dos grupos e das instituições que agregam a sociedade (POLLAK, 1989, p.

9). Logo, investigar o luto e as atitudes esperadas ou recomendadas frente à morte permite-nos compreender as “comunidades emocionais” (ROSENWEIN, 2011 p. 7) e como as mesmas partilhavam os sentimentos, com base na execução dos rituais e da dimensão afetiva da morte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, entende-se que a família imperial era a principal instituição de produção de modelos comportamentais. Assim como sinaliza Omena (2018, p. 162–163), a morte de um membro familiar englobava, portanto, um complexo de práticas sociais que se expressavam de formas variáveis de comunicação social, política e religiosa, evidenciando conflitos e hierarquias nos espaços de poder. O estudo dos dispositivos retóricos e escolhas intencionais utilizados como modelos propulsores a serem seguidos no espaço social da *Res Publica* é frutífero. Por sua vez, o texto da *Consolatio ad Liuiam* (que nos debruçamos nas pesquisas no Mestrado) nos auxilia na captura das representações das emoções que a morte evoca e suas associações com o poder político. Além disso, o estudo do campo mortuário apresenta-se como conjunto de possibilidades de estudo a respeito das práticas sociais, simbólicas, ritualísticas e institucionais de diversas sociedades a partir da finitude humana, seja a partir dos vestígios escritos, ou materiais, como monumentos ou lápides funerárias.

Por fim, acreditamos que a *Consolatio ad Liuiam* foi elaborada como dispositivo retórico de comunicação a fim de produzir uma memória social acerca do comportamento dos membros das *gentes Iulia* e *Claudia* frente à morte. O manuseio das imagens e a efetivação dos rituais aos mortos no Principado de Augusto evocam modelos comportamentais. Essas representações do mundo social são determinadas pelos interesses de grupos que as forjam e não são discursos neutros, pois produzem estratégias e práticas sociais que tendem a impor modelos comportamentais, os quais buscam legitimar suas escolhas e condutas.

## LISTA DE ABREVIATURAS

Ov., Epic. Drusi, – Ovid, *Epicedion Drusi/Consolatio ad Liuiam*, (Ovídio, Consolatória a Lúvia).

## FONTES

OVID. *The Art of Love and other poems*. Trad. J. H. Mozley. Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

PSEUDO-OVÍDIO. *Consolatione ad Liuiam*. Trad. Tomás González Rolán e Pilar Saque-ro. Madrid: Ediciones Ediciones Clasicas, 1993.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCE, J. *Funus Imperatorum*. Los Funerales de los Emperadores Romanos. Madrid: Alianza, 1990.

ASSMANN, J. *Religión y memorial cultural*. Buenos Aires: Lilmod. Libros de la Arauca-ria, 2008.

BEARD, M. *SPQR: uma história da Roma Antiga*. Tradutor, Luis Reyes Gil. São Paulo: Planeta, 2017.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CARROLL, M. Memoria and damnatio memoriae. Preserving and erasing identities in Roman funerary commemoration. In: CARROLL, M.; REMPEL, J. *Living through the dead burial and commemoration in the Classical world*. Oakville: The David Brown Book Company, 2011, p. 65-90.

CELESTINO, M. M. Las Consolaciones de Séneca. *Estudios humanísticos*, n. 20, p. 69-84, 1998.

COGITORE, I. Praecursoria consolatoria: hypothèses de travail sur la Consolatio ad Liuiam de morte Drusi. *Mélanges de l'École française de Rome*. Antiquité, tome 106, n. 2, p. 1095-1117, 1994.

DE SOUZA, C.D. A morte lhe cai bem. Reconsiderando o significado do mobiliário funerário na construção do prestígio social. In: RODRIGUES, C. & NASCIMENTO, M. R. do. (eds.). *Arqueologia Funerária, Performance, Morte e Corpo*. *Revista M. – Dossiê 6*, v. 3, n. 6, p. 263-287, 2018.

\_\_\_\_\_. Práticas Mortuárias na Região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 8, p. 85-94, 2009.

\_\_\_\_\_. *As Práticas Mortuárias na região Argólida entre os séculos XI e VIII a.C*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia: Imprensa Oficial, 2011.

DIXON, S. *The Roman Family*. London: The John Hopkins University Press, 1992.

DOLANSKY, F. Honouring the family dead on the Parentalia: ceremony, spectacle and memory. *Phoenix*, v. 65, n. 1/2, p. 125-157, 2011.

ELIAS, N. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ERKER, D. S. Gender and roman funeral ritual. In: HOPE, V. M.; HUSKINSON, J. *Memory and Mourning: Studies on Roman Death*. Oxford: Oxford Books, 2011, p. 40-60.

FAVRO, D.; JOHANSON, C. Death in motion: funeral processions in the Roman forum. *Journal of the Society of Architectural Historians*, v. 69, n. 1, p. 12-37, 2010.

FRASCETTI, A. Indice analitico della Consolatio ad Liviam Austam de norte Drusi Ne-ronis filii eius qui in Germania de morbo perit. *Mélanges de l'Ecole Française de Rome*. Antiquité, tome 108, n. 1, p. 191-239, 1996.

GRAHAN, E. Memory and materiality: re-embodying the roman funeral: In: HOPE, V. M.; HUSKINSHON, J. *Memory and mourning*: Studies on roman death. Oxford: Oxford Books, 2011, p. 21-40.

GLOYN, L. *The ethics of the family in Seneca*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

HALES, S. The house and the construction of memory. In: \_\_\_\_\_. *The Roman house and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 40-60.

HOPE, V. M.; HUSKINSON, J. (Orgs.). *Memory and Mourning*: Studies on Roman Death. Oxford: Oxbow Books, 2011, p. 176-195.

\_\_\_\_\_. Remembering Rome. Memory, funerary monuments and the Roman soldier. In: WILLIAMS, H. *Archaeologies of remembrance*. New York: K&PP, 2003, p. 113-140.

JOHANSON, C. A Walk with the Dead: a funerary cityscape of ancient Rome. In: RAWSON, B. A. *Companion to families in the Greek and Roman worlds*. Oxford: Library of Congress, 2011, p. 408-430.

LINDSAY, H. Death-Pollution and Funerals in the City of Rome. In: HOPE, V. M.; MARSHALL E. *Death and Disease in the Ancient City*. London: Routledge, 2000, p. 152 -173.

MANNING, C. E. The Consolatory Tradition and Seneca's Attitude to the emotions. *Greece & Rome, Second Series*, v. 21, n. 1, p. 71-81, 1974.

MARTINS, P. *Imagem e poder*: considerações sobre a representação de Otávio Augusto. São Paulo: Edusp, 2011.

MOREAU, P. La domus Augusta et les formations de parenté à Rome. *Cahiers du Centre Gustave Glotz*, v. 16, p. 7-23, 2005.

MORIN, E. *O homem e a morte*. Portugal: Publicações Europa-América, Biblioteca Universitária, 1970.

OMENA, L. M. de. Os laços entre família e morte nas consolatórias de Sêneca. In: GONÇALVES, A. T. M.; OMENA, L. M. de. *Memória e materialidade*. Interpretações sobre Antiguidade. Jundiaí, SP: Paco, 2018, p. 151-166.

OMENA, L. M. de; FUNARI, P. P. O ridículo de um funeral: a simbologia da morte na sátira Apocolocyntosis de Sêneca. In: \_\_\_\_\_. *As experiências sociais da morte*: diálogos interdisciplinares. Jundiaí: Paco Editorial, 2017, p. 53-80 (b).

\_\_\_\_\_; GOMES, E. M. C. O. Materialidade e comemoração da morte no Principado romano: uma leitura dos Funera de Druso e Germânico em Tácito (séculos I – II d.C.) Rio de Janeiro, *Revista M*. v. 2, n. 4, p. 339-360, jul/dez, 2017.

- \_\_\_\_\_; GOMES, E. M. C. O. As faces da morte no Mediterrâneo romano: uma análise da narrativa *Metamorphoseon* de Apuleio (século II d.C.). *Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 3, p. 65 - 85, 2014.
- NOY, D. Goodbye Livia's: dying in the roman home. In: HOPE, V. M.; HUSKINSON, J. *Memory and Mourning: Studies on Roman Death*. Oxford: Oxbow Books, 2011, p. 1- 20.
- PEIXOTO, P.V.S. Por uma arqueologia dos vestígios funerários do passado: contribuições, práticas e caminhos possíveis. *Revista M. v. 3*, n. 6, p. 232-262, 2018.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun., 1989.
- PRATS, L. *Antropología y patrimonio*. Barcelona: Editorial Ariel, 2009.
- RAMAZZINA, A.A. Estrutura social e organização espacial de necrópoles: aspectos teórico-metodológicos no estudo de arqueológico de vestígio funerário – uma revisão bibliográfica, *Revista do MAE*, Sup. 12, p. 81-109, 2011.
- RAWSON, B.; WEAVER, P. *The Roman family: status, sentiment, space*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- RIBEIRO, M.S. *Arqueologia das Práticas Mortuárias: uma abordagem historiográfica*. São Paulo: Alameda, 2007.
- RICOUER, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.
- ROGER, C. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- ROSENWEIN, B. H. *História das emoções, problemas e métodos*. Tradução: Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- SALLER, R. P. "Familia, Domus", and the Roman Conception of the Family. *Phoenix*, v. 38, n. 4, 1984, p 336-355.
- SILVA, S. B. *Os prodígia e a pax deorum: uma análise da supplicatio expiatória em Ab vrbe condita libri de Tito Lívio (século I a.C.)*. 2019. 230 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.
- SILVA, S.F.S.M. *Arqueologia Funerária: corpo, cultura e sociedade. Ensaio sobre a interdisciplinaridade no estudo das práticas mortuárias*. Recife: PROEXT-UFPE & Ed. Universitária da UFPE, 2014.
- SMITH, C. J. *The Roman Clan. The gens from Ancient ideology to Modern Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- STARR, R. J. The Circulation of Literary Texts in the Roman World. *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 37, n. 1 (1987), p. 213-223.
- WALLACE-HADRILL, A. *Rome's cultural revolution*. London: Cambridge, 2010.
- \_\_\_\_\_. Housing the Dead: The Tomb as House in Roman Italy. In: BRINK, Laurie; GREEN, Deborah (Eds.). *Commemorating the Dead: Texts and Artifacts in Context*. New York: Walter de Gruyter, p. 39-77, 2008.